

Rio inaugurará em maio banco nacional de sementes florestais

Jorge Peter

ANA PAULA BALTAZAR

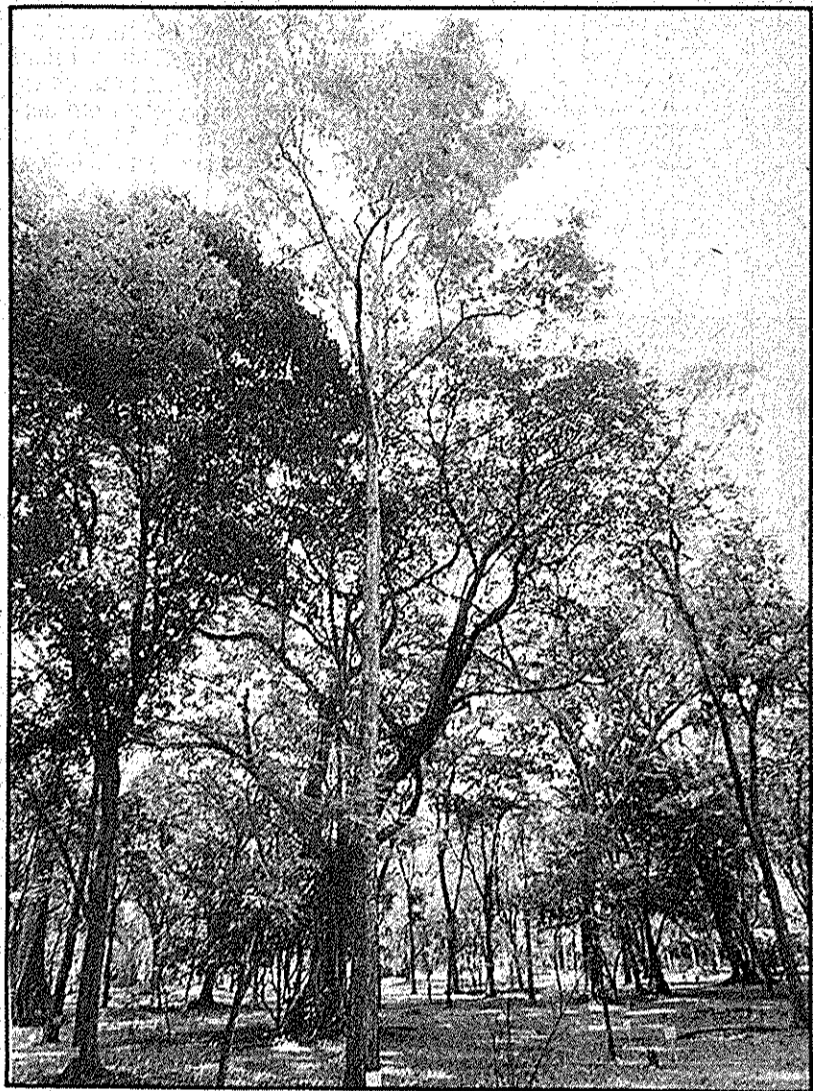
O Rio de Janeiro ganhará, no próximo dia 5, o primeiro centro de uma rede nacional de bancos de sementes de espécies florestais. Iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, em parceria com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, a rede poderá abastecer prefeituras, instituições públicas e proprietários rurais que realizam programas de reflorestamento em todo o país.

— Não adianta fazer projetos de recomposição florestal de áreas degradadas se não há sementes. Com a rede, solucionamos esse problema — explica Fátima Piña-Rodrigues, consultora do ministério para a implantação do projeto e professora de Engenharia Florestal do Instituto de Florestas.

Os centros que compõem a rede estarão funcionando até o final do ano que vem e serão todos conectados por computador. O banco de sementes do Rio é resultado de um convênio entre três instituições: o Instituto Estadual de Florestas (IEF), o Ibama e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Segundo a professora, sementes de cerca de 500 espécies nativas da Mata Atlântica serão armazenadas nas três unidades do banco do Rio — localizadas no Parque Estadual da Pedra Branca, em Jacarepaguá, na Floresta Nacional Mário Xavier, em Seropédica, e na UFRRJ.

A coleta de sementes será feita nos parques e florestas do IEF e do Ibama. A Universidade Rural dará treinamento sobre o processo de coleta de sementes,



Jacarandá caviúna: espécie ameaçada de extinção será protegida no banco

além de ensinar os melhores meios para armazená-las e plantá-las.

Minas Gerais sediará a segunda unidade do banco nacional de sementes, com espécies vegetais nativas do cerrado. Até o final

deste ano, serão implantados também os bancos de sementes de São Paulo, Nordeste, Goiás e Acre. Em 1996, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina também serão integrados à rede.

Jacarandá será protegido

A preocupação maior da rede será a conservação de espécies florestais em extinção. Cada um de seus pólos selecionará uma espécie ou um grupo de espécies ameaçadas e trabalhará para garantir sua preservação.

Segundo Fátima Piña-Rodrigues, a primeira espécie em extinção a ser protegida pelo banco do Rio será o jacarandá-caviúna (*Dalbergia nigra*), que, por fornecer uma madeira negra e muito resistente, adquiriu alto valor comercial na fabricação de móveis de luxo e foi intensamente explorado.

— Marcaremos as árvores na mata, com plaquetas, observaremos para fazer coleta e depois levaremos mudas para um local protegido, onde ninguém poderá cortá-las. Assim serão preservadas — explicou a professora.

Esses locais protegidos são os chamados bancos genéticos. Um deles ficará na Universidade Rural (UFRRJ) e outro na Floresta Nacional Mário Xavier, em Seropédica. O Jardim Botânico do Rio, que realiza um trabalho semelhante com o pau-brasil, também será convidado a participar da rede.

Unidades da rede estarão ligadas por computador

Todos os pólos do Programa Nacional de Bancos de Sementes Florestais estarão ligados por computador. Nesses locais, qualquer pessoa interessada poderá consultar informações sobre as sementes armazenadas em todos os bancos da rede. Entre os dados disponíveis, estarão preço, fornecedores, técnicas de armazenamento e plantio, durabilidade e local de ocorrência.

Em julho, os técnicos responsáveis pela unidade fluminense do programa colocarão à disposição do público um banco de dados com informações sobre 180 espécies florestais de Mata Atlântica. Provisoriamente, o sistema está sendo chamado de Bancseme.

Os dados serão consultados diretamente nas unidades que

compõem o banco de sementes do Rio de Janeiro, nos outros pólos, que deverão ser inaugurados até 1996, e até mesmo por computador, quando este for equipado com um modem, que permite transmitir e receber informações via linha telefônica.

A idéia, segundo a professora, é fornecer sementes de boa qualidade e facilitar o acesso dos pequenos produtores a linhas de

crédito para programas de reflorestamento que permitam recompor a Mata Atlântica.

— Sabemos que recompor a Mata Atlântica como ela era originalmente é impossível, mas se cada proprietário rural fizer uma mancha de floresta em suas terras, poderemos ter uma boa recuperação — diz Fátima, otimista.